



Dose de reforço

Portugal já não é dos que mais vacinam na Europa

Rui Barros

Na UE, Portugal ocupa o 14.º lugar na lista dos países que mais administraram doses de reforço, com 23% da população inoculada

Cerca de 23% da população portuguesa já recebeu uma dose de reforço da vacina contra a covid-19, uma percentagem que coloca Portugal a meio da tabela europeia. Segundo os dados do Our World in Data, uma iniciativa da Universidade de Oxford que recolhe os dados de vacinação de todos os países, Portugal ocupava ontem 14.ª posição na tabela dos países europeus com a maior percentagem de população inoculada com a dose de reforço.

Segundo os dados desta iniciativa, o país vacinou com a dose de reforço até ao momento 22,87% da população, um valor que fica 0,27 pontos percentuais abaixo da taxa de vacinação europeia, que já tem uma cobertura de 23,14%.

No topo da lista de países da União Europeia (UE) com a maior percentagem da população com a dose de reforço está a Áustria, com 37,47% da população já inoculada, seguida da Dinamarca (35,06%) e Malta (33,4%). O país europeu com o valor mais baixo é a Bulgária, que, de acordo com

os últimos dados disponíveis, só tinha 3,28% da população com a dose de reforço. Nesta lista não estão contemplados os dados da Croácia, Estónia, Países Baixos e Roménia, que ainda não têm qualquer valor reportado.

Já em termos globais, Portugal é o 25.º país do mundo com a maior taxa de população com dose de reforço administrada, numa tabela que é encabeçada pela Islândia, que já vacinou 55,24% da população com a dose de reforço. Seguem-se Chile (51,89%), Israel (44,82%) e Reino Unido (42,49%).

Portugal assumiu a dianteira da lista de países com a maior percentagem de população com a vacinação primária ou completa ao longo do ano de 2021. Um facto salientado pelo primeiro-ministro ontem aquando do anúncio de novas medidas para conter a pandemia no Natal e no Ano Novo.

“Vamos acelerar o processo de vacinação. É preciso ter em conta que no próximo dia 27 faz um ano que se procedeu à aplicação da primeira vacina”, justificou Costa.

Até ao dia 23 (inclusive), Costa afirmou que continuará a ser feito “um esforço grande”, explicando que chegou a ser discutido que esse fosse também fosse um dia de pausa, optando o Governo para que o processo continuasse nesse dia. “Temos de compreender que as pessoas que

há mais de um ano lutam para vacinar a população portuguesa também têm direito a uma pausa. Tenho a certeza de que no dia 27 de Dezembro regressarão com força redobrada e no dia 1 de Janeiro com ânimo acrescido”, disse.

Dois milhões para vacinar

Na mesma conferência de imprensa, António Costa revelou ainda que a Direcção-Geral da Saúde (DGS) vai anunciar em breve o calendário de alargamento da vacinação para as novas faixas etárias. “Temos de assumir que o conjunto da população vai toda necessitar de uma dose de reforço”, acrescentou.

Mas qual a dimensão da tarefa que está pela frente? De acordo com os cálculos do PÚBLICO, nos próximos meses as autoridades portuguesas terão de vacinar cerca 2.053.573 portugueses com 50 ou mais anos.

37%

A Áustria está no topo da tabela europeia de taxa de vacinação com a terceira dose

Os números são extrapoláveis a partir do relatório de vacinação da Direcção-Geral da Saúde (DGS), que dava conta de que, até ontem, 86% da população com mais de 80 anos já tinha a dose de reforço e 83% entre os 70 e os 79 também receberam esta dose. Já nos 60-69, 45% da população elegível já tinha esta dose e, nos 50-59, 15%. Tudo somado, significa que, até segunda-feira, tinham sido vacinadas 2.101.262 pessoas com mais de 50 anos, num universo de elegíveis que se estima ser, a partir destas percentagens, de 4.154.835. Ou seja, tendo em conta as percentagens de população vacinada por faixa etária (um dado que só passou a estar disponível no relatório da DGS esta terça-feira), faltará vacinar um universo de 2.053.573 pessoas.

Durante a conferência de imprensa do anúncio das novas medidas para travar a pandemia durante a época festiva, o primeiro-ministro, António Costa, fez saber que “83,5% da população elegível com mais de 65 anos” já recebeu a dose de reforço.

Dados do Our World in Data mostram que Portugal terá atingido o pico de capacidade de vacinação contra a covid-19 em meados de Julho, quando foi administrada uma média de 150 mil por dia. Neste momento, e segundo a mesma fonte, o país estará a administrar uma média de 67 mil doses diárias.



Portugal está a administrar 67 mil doses diárias

Corrida contra a Ómicron

Países apostam em dar mais cedo o reforço da vacina

Maria João Guimarães

Há cada vez mais países a recomendar a vacinação com três doses para todos os adultos e a diminuir o prazo para a dose de reforço para até três meses em vez dos seis previstos originalmente — uma corrida para restabelecer algum efeito perdido com a passagem do tempo contra doença grave e ainda contra infecção pela variante Ómicron, mais transmissível que as variantes anteriores.

É algo que Portugal poderia considerar, diz Miguel Prudêncio, investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, por telefone, ao PÚBLICO. Nesta fase, está prevista a vacinação para pessoas com mais de 50 anos, prestadores de cuidados de saúde ou a idosos.

O prazo entre a segunda e terceira dose foi encurtado para 5 meses.

Os dados disponíveis não quantificam de modo exacto, mas mostram que a dose de reforço da vacina “robustece significativamente a nossa resposta imunitária e aumenta a capacidade para proteger também contra a Ómicron”, diz o investigador, sublinhando que “também sabemos que a quantidade de anticorpos neutralizantes que se consegue atingir com a dose de reforço da vacina aumenta”. Isto quer dizer que “aumenta a capacidade de reduzir a própria infecção” pela nova variante, e não só a prevenção de doença sintomática e grave.

Por isso, “é importante fazer a dose de reforço e, do meu ponto de vista, alargar a dose de reforço a faixas etárias progressivamente mais baixas”, diz Miguel Prudêncio. Em Portugal, “começamos por dar a dose de reforço a pessoas mais idosas, o que faz

tudo o sentido porque não só são mais vulneráveis como são aquelas em que, ainda numa época pré-Ómicron, se percebeu que havia uma perda de alguma eficácia protectora das vacinas ao fim de algum tempo”, nota.

Agora, “está na altura de irmos alargando esse reforço, repondo assim a parte da protecção que se perde naturalmente com o tempo e, num cenário de Ómicron dominante, robustecendo também a imunidade contra a variante”, defende.

O Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças recomendou, no final de Novembro, que a dose de

reforço fosse dada a todos os adultos. Vários países estão a seguir este caminho. O jornal *Washington Post* dizia que os EUA podem decidir em breve aumentar o que é entendido como “vacinação completa” para três doses, o que já foi feito em Israel.

Quanto aos prazos, Grécia, Bélgica, Coreia do Sul, Reino Unido e Tailândia passaram a dar o reforço (terceira dose) com três meses de intervalo, assim como a cidade-estado de Berlim. França, Singapura, Taiwan, Itália e Austrália diminuíram o prazo para cinco meses.

O prazo mais apontado para a primeira queda significativa da protecção das vacinas é de quatro meses, e há alguma urgência em alargar o reforço a mais pessoas por causa da Ómicron, mas Miguel Prudêncio diz que é preciso ter em conta que “intervalos maiores conferem uma protecção tendencialmente maior”. A res-

posta imunitária tem de ter tempo para se desenvolver e o reforço vai agir, depois, sobre essa resposta, fortalecendo-a. Por isso, o investigador acha que faz sentido reduzir o prazo “para três ou quatro meses”.

Miguel Prudêncio sublinha ainda que “as vacinas foram desenhadas, pensadas e avaliadas com o objectivo de evitar doença sintomática”, mas, quando foram utilizadas em grande escala, “começou a haver dados do mundo real mostrando que também conferiam uma protecção, embora não tão elevada quanto à doença, mas uma protecção significativa contra a própria infecção”. Num cenário de Ómicron dominante, uma variante mais transmissível, “a vertente das vacinas que actuam ao nível da transmissão tem um impacto importante, sem prejuízo do objectivo principal, que é, e continua a ser, a protecção contra a doença”.



Intervalo da dose de reforço entre a segunda e a terceira dose da vacina contra a covid varia entre três e seis meses


QUEBRAMAR

QUEBRAMAR.COM

PUBLICIDADE

Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Quarta-feira, 22 de Dezembro de 2021 • Ano XXXII • n.º 11.562 • Edição Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,40€

Público


Grada Kilomba
 Representação
 na Bienal
 de Veneza
 nas mãos de
 Graça Fonseca
 Cultura, 28/29

Futebol
 Nunca houve um fosso tão
 grande entre o terceiro
 e o quarto lugares da I Liga
 Desporto, 37

Tradição de Natal
 Se Marcelo não vai poder ir
 à ginginha do Barreiro,
 vai a ginginha a Belém
 Política, 13

Portugal atrasa-se na vacina de reforço e cai no ranking europeu

Costa antecipa contenção e teletrabalho obrigatório • Apoio a pais só abrange quem tem filhos em creches e ATL • Bares e discotecas revoltados com fecho • Comércio com restrições Destaque, 2 a 6 e Editorial

MIGUEL A. LOPES/LUSA


Bruxelas
 Apoio à TAP obriga
 à venda de negócios
 e a dar espaço
 à concorrência
 em Lisboa

Economia, 26

Entrevista
**O espaço vai ser
 “uma área de negócio
 fundamental”**

 José Tribolet, ex-presidente do
 Inesc, lança um olhar sobre
 2022 Economia, 24/25

Agressão a imigrantes
**Militar da GNR
 falsificou auto
 de notícia para
 esconder crime**

 Sentença sobre agressões de GNR a
 imigrantes fala em acto isolado quan-
 do Ministério Público já investigava
 mais crimes Sociedade, 14

Líbia
**Eleições devem
 ser adiadas e já
 se teme regresso
 da guerra**

 Bloqueios de estrada com veículos
 armados começaram a surgir nas
 ruas de Trípoli e ONU pede conten-
 ção a todas as partes Mundo, 20

PUBLICIDADE

idealista

 A app imobiliária
 líder em Portugal